

*Pela Salvaguarda e Protecção
dos Patrimónios!*

**AS CASAS VERDES: A BUSCA POR UMA MORADIA DE
OPERÁRIOS DO INÍCIO DO SÉCULO XX EM RIO GRANDE, RIO
GRANDE DO SUL, BRASIL**

**THE GREEN HOUSES: THE SEARCH FOR A WORKERS
HOUSING OF THE BEGINNING OF THE XX CENTURY IN RIO
GRANDE, RIO GRANDE DO SUL, BRAZIL**

Paulo Eduardo de Oliveira Enéas

Universidade Federal do Rio Grande
Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Departamento de Arqueologia
Rua Furtado de Menezes, 612
Belo Horizonte – Minas Gerais
31255-780 – Brasil
pauloeneas@gmail.com

As Casas Verdes: a busca por uma moradia de operários do início do Século XX em Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil

Paulo Eduardo de Oliveira Enéas

Historial do artigo:

Recebido a 21 de janeiro de 2019

Revisto a 12 de maio de 2019

Aceite a 15 de junho de 2019

RESUMO

Este artigo estrutura-se a partir da busca por registros materiais de moradias construídas no começo do século XX para operários envolvidos na construção do Porto Novo, no município de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. As edificações remanescentes, conhecidas como Casas Verdes, foram erigidas pela empresa responsável pelo projeto - *Compagnie Française du Port do Rio Grande do Sul*. No desenvolvimento da pesquisa, buscaram-se registros advindos não só da História Oral como também de documentação oficial, e foram feitas expedições ao local onde haviam sido construídas as casas. Mediante tais visitas, foi possível encontrar duas construções remanescentes das casas verdes, bastantes alteradas. Essas residências tiveram suas principais características analisadas e discutidas neste texto. As reflexões traçadas neste artigo podem corroborar com a preservação da história, visto que contam com registros que comprovam a existência dessas residências, visando chamar a atenção para a relevância da preservação e da educação patrimonial em uma cidade extremamente importante para a história nacional.

Palavras-Chave: Casa Verde, cultura material, operários, Rio Grande, porto.

ABSTRACT

This article is based on the search for material records of houses built at the beginning of the 20th century for workers involved in the construction of the Porto Novo, in Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brazil. The remaining buildings, known as Casas Verdes, were erected by the company responsible for the project - *Compagnie Française du Port of Rio Grande do Sul*. In the development of the research, records were obtained not only from Oral History but also from official documentation and were expeditions to the place where the houses were built. Through these visits, it was possible to find two remaining buildings of the green houses, quite altered. These residences had their main characteristics analyzed and discussed in this text. The reflections outlined in this article can corroborate with the preservation of history, since they have records that prove the existence of these residences, aiming to draw attention to the relevance of preservation and heritage education in a city extremely important for national history.

Key-words: Green house, material culture, workmen, Rio Grande, seaport.

1. Introdução

A cidade brasileira de Rio Grande, graças a sua localização privilegiada, sempre foi uma das referências nacionais em se tratando de zona portuária. O único porto do estado do Rio Grande do Sul, na região sul do Brasil, vem recebendo investimentos desde sua primeira expansão (construção do Porto Novo). Este complexo portuário tem sua devida importância, visto que era porta de entrada para escravos (Torres, 2010), fonte de enriquecimento de diversos personagens (Thiesen et al., 2011), além de ser o local de entrada e saída de mercadorias e pessoas.

A zona portuária de Rio Grande passou por três fases: a primeira construção portuária – conhecida, atualmente, como Porto Velho, e com sua existência atrelada à fundação da cidade no século XVIII. A segunda fase do porto, a qual poderia ser considerada como a primeira expansão da zona portuária, no sentido leste da cidade – Porto Novo – com sua data de inauguração fixada em 1915. Por fim, a construção e constante ampliação do Superporto, com seu início na década de 1970.

As obras desse novo complexo portuário envolveram muitos maquinários, pessoas e uma construção desenfreada, esse empreendimento considerado arrojado, porém essencial, ocasionou uma drástica mudança paisagística que pode ser comparada às grandes obras internacionais. Todo esse aparato contrasta, no entanto, com o descaso da moradia e condição de vida dos trabalhadores que tiveram o direito à moradia negado, já que a empresa responsável pela construção do complexo portuário preocupou-se apenas com as habitações de seus funcionários especializados, resultando em uma explosão demográfica e em um crescimento desordenado do município.

Tendo em vista tais considerações, este artigo discorrerá sobre a construção do Porto Novo, assim como a respeito da oferta de moradia para os funcionários especializados, trazidos da França pela *Compagnie Française du Port do Rio Grande do Sul*, no início do século XX.

2. A construção do Porto Novo

Para realizar as obras de construção dos molhes e do Porto Novo, o Engenheiro Edmer Lawrence Corthell fundou a companhia *Port of Rio Grande do Sul*, sediada em Portland, Estados Unidos. Esta companhia foi autorizada a atuar no Brasil através do decreto nº 6.788, de 12 de dezembro de 1907. Contudo, Corthell não conseguiu viabilizar, nos Estados Unidos, o capital necessário para a execução das obras, tendo que recorrer assim ao capital europeu. Devido a este fato, foi organizada a *Compagnie Française du Port do Rio Grande do Sul*, em Paris, liberada para atuar no Brasil através do Decreto nº 7.007 de 02/07/1908.

Segundo contrato estabelecido, era de responsabilidade da empresa francesa realizar todas as obras previstas: construção dos molhes e das instalações do Porto Novo assim como a remodelagem do Porto Velho. A importância dessa obra tomava conhecimento internacional, visto que “em 1908, o jornal *Times* previa que o porto de Rio Grande seria um dos mais importantes da América do Sul” (Paulitsch, 2003 *Apud* Thiesen, 2009, p. 151).

A primeira decisão a ser tomada foi quanto à localização do Porto Novo. Inicialmente, a ideia do Engenheiro Corthell era utilizar uma área localizada “na parte sul da cidade e contígua ao Saco da Mangueira” (Martins, 2006, p. 132). Esse espaço, até então, localizava-se fora da área urbana, possuindo assim uma grande extensão de terra que poderia abrigar as instalações do novo

porto. Porém, o local escolhido para a instalação do Porto Novo foi no extremo leste da cidade, mais precisamente na área relativa à Ilha do Ladino e seu entorno (vd. Figura 1.), região formada por ilhas e áreas inundáveis.

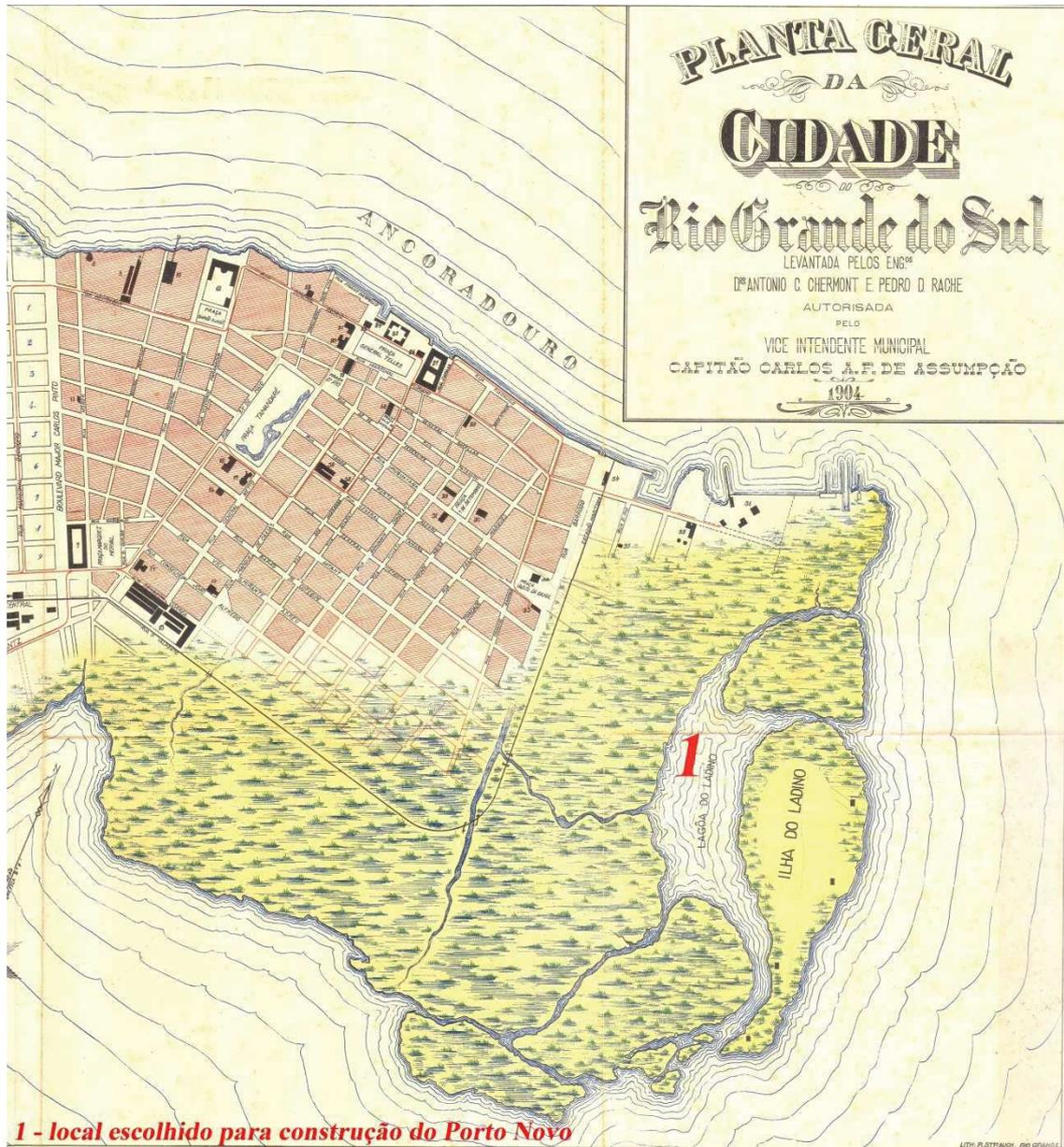


Figura 1. Local escolhido para construção do Porto Novo. Adaptado de: Kuniuchi e Telles, 2012.

Tal transferência da área onde seria construído o novo porto para o leste do centro histórico, ou sobre a Ilha do Ladino, que contrariava o Decreto no. 6.848, de 11/2/1908, veio a favorecer dois franceses, Hector Legru e Percival Farquhar, os quais, segundo Musacchio e Read (2006), tiveram grande influência sobre as obras do Porto do Rio Grande. Ambos já atuavam no setor de transportes no Brasil, principalmente na região Sul do país, no setor ferroviário. Eles adquiriram diversos terrenos na região e, anos mais tarde, venderam esses espaços por preço mais alto à Cie. Française (Martins, 2006, p. 133).

O favorecimento aos especuladores franceses pode ser considerado como um dos principais motivos, se não o principal, para a mudança do local de instalação do Porto Novo, visto que o novo local consistia de banhados e cômoros e teve que passar por grandes obras para abrigar o

empreendimento. É interessante colocar que o viajante Auguste de Saint-Hilaire já havia percorrido tal região, no dia 9 de agosto de 1820, conforme assinala em seu depoimento:

Passei hoje na parte leste da cidade, entre a povoação, a lagoa e o Rio Grande e o lago da Mangueira. Os terrenos são muito baixos, pantanosos, um pouco banhados pelas águas salgadas, constituídos de areia de uma terra negra coberta principalmente de Gramínea e das Salicornia nº 1829 (Saint-Hilaire, 1935, p. 53).

Pelas razões supracitadas, percebe-se que foi necessário um grande trabalho na superfície para a realização da obra. Assim, o aterramento foi dividido em duas partes. O terraplano Oeste ocupava a área contígua ao centro histórico e era de grande extensão. A segunda foi uma ilha construída após o canal que se localiza em frente ao porto novo, conhecida como Terraplano Leste – e, atualmente, como Ilha da Base. O aterro foi feito com o material que era dragado do canal que estava sendo aberto para as melhorias da barra (Kuniochi; Telles, 2012).

Esse aterramento da porção leste ao centro histórico pode ser comparado com a obra feita na cidade de Boston para que se pudesse conquistar uma maior área para construção. Lá, o trabalho foi realizado durante o século XIX e proporcionou 2.306.710 m² de área de construção (Stoot, 1984). Assim sendo, o procedimento já havia sido feito em outras partes do mundo, mas foi o primeiro realizado em solo brasileiro. Estes são dois dos diversos exemplos de como o homem é capaz de moldar a paisagem à sua vontade e necessidade.

Para a construção do empreendimento em Rio Grande, fez-se necessário uma grande quantidade de mão de obra, sendo ela especializada ou não. Dessa maneira, as obras da Cie. Française atraíram mais de 4.000 pessoas para Rio Grande, tanto migrantes do Rio Grande do Sul quanto imigrantes de outros países.

A cidade do Rio Grande possuía, no ano de 1872, 23.962 habitantes e, com o início das obras, o número saltou para 44.835 pessoas, o que levou a um crescimento de 58% entre os anos de 1872-1911 (Martins; Pimenta, 2004). Esse aumento se configurou, principalmente, devido às obras realizadas pela Cie. Française, já que parte dos trabalhadores foi trazida pela companhia e a outra parte foi consequência de um êxodo em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Nesse sentido, vale ressaltar que o aumento populacional, para uma cidade considerada pequena, em um intervalo de tempo de 39 anos, pode ser considerado alarmante, se não forem tomadas as devidas ações. Para Mumford (2008, p. 533) *“(...) talvez o fato mais importante de toda a transição urbana fosse o deslocamento de população que ocorreu em todo o planeta. Esse movimento e a recolocação foram acompanhados por outro fator de magna importância: a espantosa ascensão no índice de crescimento demográfico (...)”*.

Essa transição que ocorreu na cidade do Rio Grande na virada do século passado trouxe consequências significativas para a história da cidade. Tendo em vista a falta de planejamento urbano, os trabalhadores foram obrigados a se empilhar em casas (e muitas vezes em locais que não possuíam as condições adequadas para serem considerados espaços de moradia), juntamente com suas famílias, e persistir no dia a dia do trabalho árduo para almejar uma vida melhor, além de serem obrigados a se adaptar a um estilo de vida diferente do acostumado. Essa era a vida do proletariado no município.

Por outro lado, a Cia. Française teve a preocupação de construir moradias para os operários especializados e mestres de obras trazidos da França. A empresa acabou por construir aproximadamente 60 casas de madeira para abrigá-los.

O primeiro marco de referência foram as 21 casas pretas destinadas aos operários especializados e mestres de obras, onde residiam os ocupantes de cargos superiores. Já as chamadas casas verdes totalizavam 40 unidades de madeira com dimensões menores e mais simples que as anteriores, (...) e que formavam a chamada vila verde. (Martins, 2006, p. 135-136).

A construção do “*cais do Porto Novo foi iniciada em novembro de 1912*” (Santo, 2004, p. 104). As extremidades do Terrapleno Oeste foram ocupadas pelas instalações portuárias, deixando assim toda a área restante entre o Porto Novo e centro histórico para a futura expansão das estruturas portuárias. A ideia da Compagnie era, também, construir um bairro radial (vd. **Figura 2.**) nessa área de expansão, o que não veio acontecer devido à encampação que foi realizada pelo Governo do Estado.



Figura 2. Construção do bairro radial prevista pelos franceses. Fonte: Martins (2004).

A utilização desse local baldio para a construção de um novo bairro mostra a importância que tal empresa dava à moradia, porém, não à habitação para o proletariado, preocupando-se exclusivamente com a edificação de habitações para a classe mais abastada da sociedade. Isso pode ser considerado como uma grande especulação imobiliária, visto que o local possuiria ótima estrutura para instalações habitacionais e estaria muito próximo ao centro da cidade. Sendo assim, o terreno ficara desocupado e apto para a autoconstrução, o que veio a ocorrer posteriormente.

Desse modo, a impossibilidade de construção do novo bairro no local planejado levou diversas pessoas, antes empilhadas em pequenas habitações, a tomarem posse dos terrenos ali

existentes. Essa posse de terrenos é justificada pela ausência de construções no local e a busca, pela população de baixa renda, por uma residência própria a fim de evitar o aluguel. Isso pode ser confirmado através da história oral (Pollak, 1989), como é o caso de uma moradora que relatou sua chegada ao local em 1946, com apenas 11 anos de idade. Pela descrição feita por ela, naquele espaço somente havia “areia e umas árvores”. Segundo afirma, neste momento, apenas existia a rua principal, chamada de rua “6” e a causa da mudança da família, de acordo com a história contada, foi devido ao local ser “(...) um terreno sem dono, então muitos que pagavam aluguel foram se apossar de um lote pra ter uma casa própria e muitos ainda moram lá (...)”.

Tal atitude vai ao encontro às afirmações de Mumford (2008, p. 534): “(...) os recém-vindos, bebês ou imigrantes, não podiam esperar pelos novos bairros: acumulavam-se onde quer que houvesse espaço disponível”. Conforme destaca o autor, “foi um período de vasta improvisação urbana: o improvisado acumulava-se apressadamente sobre o expediente (...)”.

Nesse contexto, as obras do Porto Novo de Rio Grande começaram em 02 de junho 1910 e se estenderam até 1915, tendo sua inauguração, exatamente no dia 1º de março de 1915, com o navio Escola Benjamin Constant, que possuía um calado de 6,35 metros, atracando no local. Contudo, “(...) a inauguração oficial da exploração comercial da 1ª secção do porto foi em 15 de novembro de 1915 (...)” (Santo, 2004, p. 104), com a entrega ao tráfego dos primeiros 500 metros de cais.

Dada à finalização da construção do porto, assim como sua inauguração (vd. **Figura 3.**), estava em cláusula de contrato que a Cie. Française teria “(...) a concessão de uso e gozo sobre o porto durante 67 anos, além de renda líquida de 6% ao ano do capital empregado. Quando essa alíquota não fosse atingida, o Governo Federal deveria ressarcir-la (...)” (Martins, 2006, p. 133). Com essas altas taxas praticadas pelo Porto Novo do Rio Grande, diversos comerciantes gaúchos ainda optavam pela utilização do Porto de Montevideú.

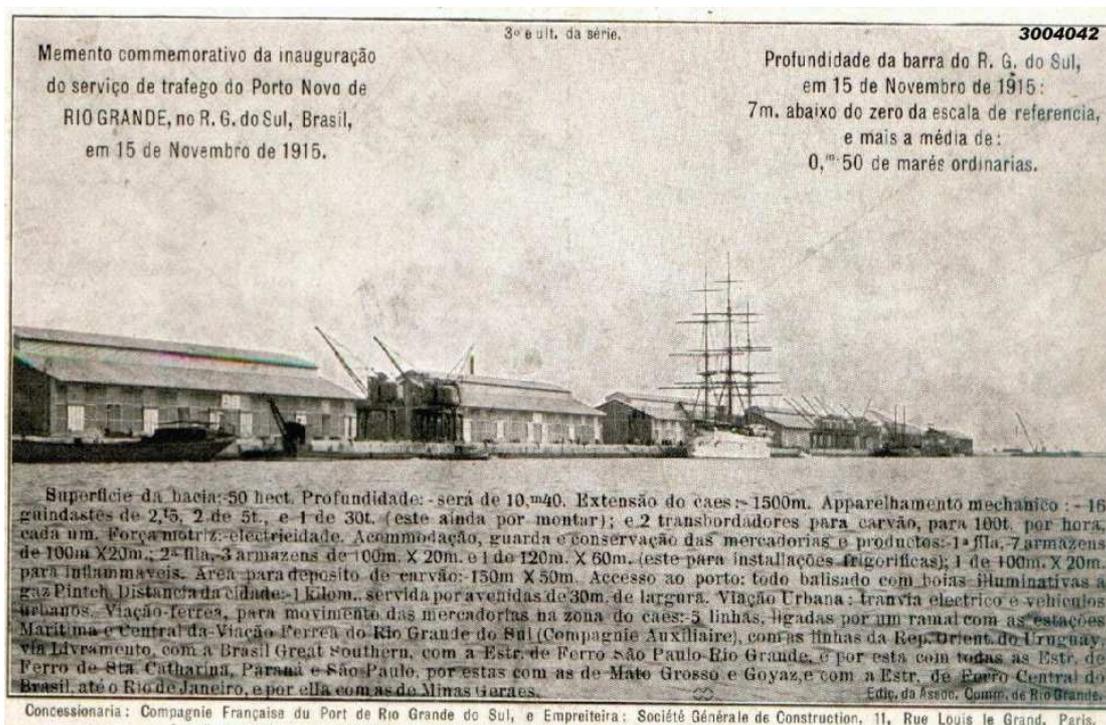


Figura 3. Momento comemorativo da inauguração do Porto Novo, 15/11/1915. Fonte: riograndemfotos.fot.br.

No ano de 1917, a Cie. Française arrendou 23 hectares para o primeiro frigorífico que se instalaria em solo gaúcho, a Cia. Swift, que planejava “(...) *construir uma instalação frigorífica com serviço de condicionamento e expedição (...)*”. Para facilitar a exploração desse estabelecimento, a Swift pediu à Compagnie du Port que “(...) *construísse duzentos metros de cais na orla do seu terreno (...)*” (MVOP, 1922, p. 117).

A vinda do Frigorífico Swift trouxe um acréscimo de trabalhadores e, conseqüentemente, um inchaço maior nas áreas circunvizinhas da zona portuária. Foi necessário também, para a instalação dessa empresa, realizar obras tanto de infraestrutura quanto de abastecimento de água, energia e transporte (Kuniochi; Telles, 2011).

Dessa maneira, a cidade de Rio Grande passou a ser dependente da Cie. Française, visto que era necessário dar condições para a reforma do Porto Velho e às construções do Porto Novo e dos molhes, assim como, posteriormente, à instalação do frigorífico. Para que todas as obras tivessem uma boa fluidez, alguns dos setores - energia elétrica e transporte - foram passados para a competência da empresa francesa (MVOP, 1918, p. 117).

Por fim, no ano de 1918, aconteceu a encampação do Porto Novo por parte do Governo do Estado. Desse modo, a Cie. Française transferiu todo o seu patrimônio para o governo estadual, recebendo assim uma indenização de 68.320.000 francos, em títulos da dívida pública do Estado.

Assim, pode-se dizer que a Compagnie Française du Port de Rio Grande do Sul trouxe um desenvolvimento necessário para a expansão do município, porém este não estava preparado para tamanha responsabilidade e, conseqüentemente, sofreu com a explosão demográfica em pequeno espaço de tempo.

2. As Casas Verdes

As casas verdes (**vd. Figura 4.**) foram construções provisórias para que os operários – trazidos da França pela Cie. Française – pudessem morar durante as obras do Porto Novo e dos Molhes da Barra. Segundo Martins (2006), foram construídas 40 residências de madeira, menores e mais modestas, quando comparadas às casas pretas. O local escolhido foi a região do atual bairro Santa Tereza.

O Santa Tereza localiza-se em área próxima ao Porto Novo. Para melhor delimitar, o bairro possui como limite as instalações da QUIP (anteriormente Cia. Swift) a leste e a Refinaria de Petróleo Riograndense (antiga Refinaria Ipiranga) a oeste. Segundo Martins (1997, p. 28), “(...) o primeiro marco de referência a moradias construídas no terrapleno oeste foram as casas pretas (...) e as casas verdes”. Sendo assim, as casas construídas pela Cie. Française deram início ao bairro. Cabe ressaltar que a aglomeração de casas construída pela empresa era conhecida por Vila Verde – conforme já tratado por diversos autores, a saber: Martins e Pimenta, 2004; Martins, 2006; Silva, 2009; Torres, 2009.



Figura 4. Localização das casas verdes. Fonte: Google Earth™.

2.1. As Casas Verdes antigamente

Em pesquisa realizada na biblioteca da Superintendência do Porto de Rio Grande, foram encontrados registros fotográficos das casas verdes. Através destes, é possível notar algumas diferenças entre o primeiro momento e o atual. Vale ressaltar que foram encontradas fotos de três grupos de casas diferentes.

Neste primeiro grupo, é possível observar a construção geminada das residências (vd. **Figura 5.**). Nota-se, também, a ausência de muros e portões de ferro, sendo presente apenas cercas de madeira, na sua maioria, de estatura média. Há, na frente das residências, algumas árvores e pequenos arbustos. Observa-se ainda nesta foto dois postes (possivelmente de madeira) de energia.



Figura 5. Grupo de casas de madeira. Fonte: Biblioteca SUPRG.

Quanto às moradias, pode-se dizer que são dez casas de madeira, com apenas uma porta e uma janela (pouco visíveis após a digitalização). O telhado é constituído por telhas de cerâmica denominadas Marselha e possui duas águas. A junção desse material com esse tipo de telhado faz com que a estrutura seja muito resistente a ventos fortes. Este ponto é de extrema importância, já que o local de construção se deu muito próximo ao mar e em área de poucas construções. Percebe-se, por fim, que o telhado é contínuo sobre o grupo de casas, possuindo, aproximadamente, 35 metros.

A presença das telhas de cerâmica se difere em ambas as informações obtidas sobre as casas. Na residência atual, as telhas usadas são as de modelo ondulado, de fibrocimento. Em momento anterior ao da foto abaixo, sabe-se que as telhas também eram onduladas, porém, de zinco. Entende-se a constante mudança de telhas, visto que este é um dos principais materiais que se danificam graças ao contato direto com as intempéries. É possível que a presença das telhas Marselha possa estar ligada a uma popularização de tal material no momento da troca. A presença das telhas onduladas, atualmente, é devido ao fato de estas serem um material de valor mais baixo, assim, acessível a diversas camadas da sociedade. Acredita-se, também, que as telhas de zinco possam ter uma duração menor do que a esperada, se não for feita a devida manutenção. Tal situação seria propícia para uma mudança de material, até mesmo pelo longo período de tempo que já havia passado até o momento da fotografia. Por fim, pode-se notar a presença de cumeeira nesta foto.

O segundo grupo de casas também é constituído de dez residências geminadas (**vd. Figura 6.**). Esse grupo possui características semelhantes ao anterior. O seu telhado é feito com telhas de cerâmica Marselha, além de possuir duas águas. Essas casas têm alguma vegetação em sua frente e lateral. Além disso, é possível avistar a presença de dois postes de energia, assim como no grupo anterior.



Figura 6. Grupo de casas verdes. Fonte: Biblioteca SUPRG.

Diferentemente do primeiro grupo, nota-se a presença de cercas de madeira, porém estes são de uma altura maior do que as do grupo anterior, além de uma altura maior em relação às moradias finais. Neste grupo, em uma das últimas residências, é possível avistar um muro de alvenaria na cor branca. Esse muro dá um destaque muito maior à residência, mesmo que ela esteja locada na extrema direita da fotografia. Ao chamar a atenção do observador à moradia, possibilita verificar uma pequena modificação estrutural realizada em uma das residências.

O terceiro grupo de casas também se assemelha aos dois grupos anteriores quanto às características estruturais - telhado, material de construção da residência, número de janelas e portas, número de residências, etc. Abaixo, é possível avistar melhor a presença das portas e janelas. Nota-se, também, a presença de vegetação na frente das residências, assim como em sua lateral (**vd. Figura 7.**).



Figura 7. Grupo de casas verdes. **Fonte:** Biblioteca SUPRG.

Esta foto auxilia na confirmação de originalidade das janelas encontradas nas duas residências remanescentes. Como se pode observar na comparação abaixo, a janela das casas antigas são as mesmas que ainda estão instaladas nas duas casas restantes. Um detalhe que auxilia na inferência da data da fotografia é a presença de uma propaganda de refrigerante em uma das fotos vinculadas à Vila Verde (**vd. Figura 8.**), porém não fazendo parte do grupo de casas verdes.

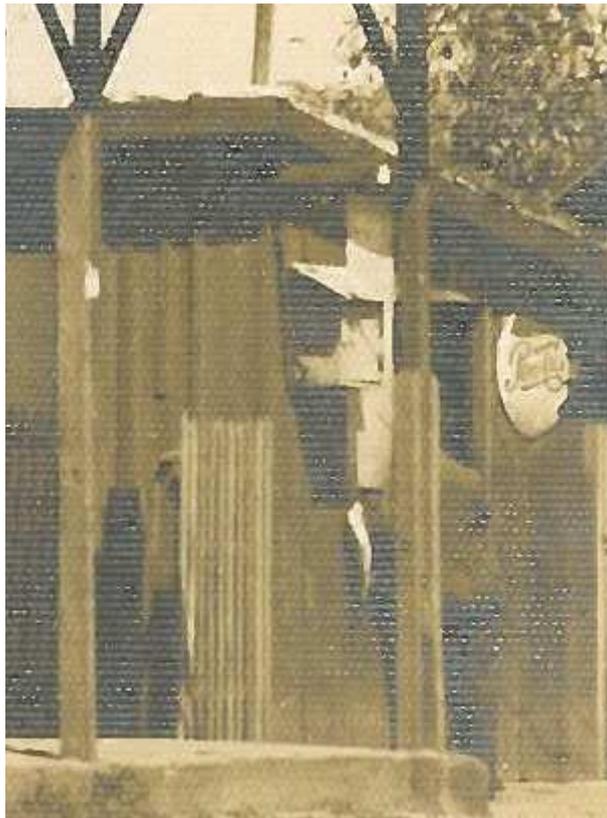


Figura 8. Detalhe ao logotipo da marca de refrigerante. Tempo de duração: 1950 - 1962. Fonte: Biblioteca SUPRG; PEPSICO.

Observa-se nas figuras acima a presença do logotipo da marca de refrigerante. Nota-se que o logotipo fixado à parede teve sua criação em 1950. Isso auxilia na redução do espaço temporal em aproximadamente 5 anos. Atenta-se também para a mudança do logotipo no ano de 1962, porém tal data não causa grande interferência, já que a placa em questão pode ter permanecido no estabelecimento após tal mudança. Portanto, pode-se definir a data da fotografia entre os anos de 1950 e final dos anos 60. Esse estabelecimento da data é importante, visto que assim pode-se inferir um tempo aproximado para as casas verdes no momento do registro. Se tais registros foram realizados no fim dos anos 60, pode-se afirmar que as casas teriam, aproximadamente, 50 anos.

Outro documento encontrado nos arquivos da biblioteca da SUPRG foram as plantas baixas das casas verdes (vd. Figura 9.), porém, tal documentação somente mostra as dimensões externas das residências.

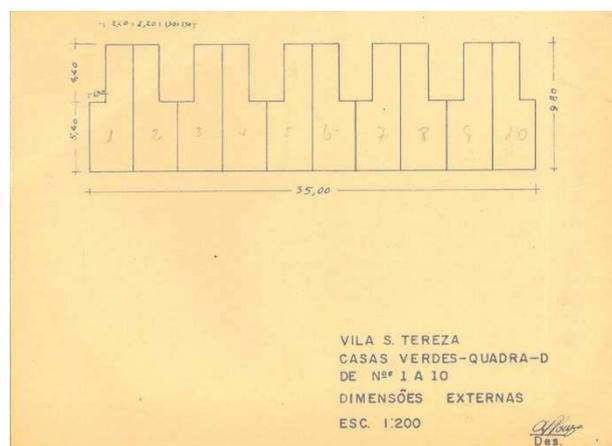


Figura 9. Planta baixa das casas verdes. Fonte: Biblioteca SUPRG.

O primeiro ponto a ser destacado neste documento é a legenda. Nela, diz CASAS VERDES – QUADRA – D, auxiliando a inferir a presença de mais um grupo de casas, totalizando as 40 casas já citadas aqui por Martins (2006). O segundo item a ser apontado é a presença das 10 casas e a forma de construção de cada uma delas. É possível notar a presença de uma redução do espaço construído no fim da residência, porém, observa-se também que a construção deste local reduzido se dá em blocos, economizando assim no material de construção e aproveitando as paredes geminadas.

Por último, pode-se ter uma ideia das dimensões de cada residência devido às anotações feitas no documento. O grupo de casas verdes possui 35 metros, o que significa que cada residência possui 3,5 metros de fachada frontal. Os comprimentos das moradias estão fixados em 9,80 metros, sendo 5,40 m. para a primeira parte e 4,40 m. para a parte reduzida. Nota-se também que o comprimento reduzido foi de 1,30 metros, resultando assim em um cômodo de 4,40 m x 2,20 m. A área restante, provavelmente, teria a função de um quintal ou pátio.

2.2. As “casas verdes” atualmente

Infelizmente, não é possível encontrar uma remanescente destas casas totalmente intactas às mudanças antrópicas ou, até mesmo, às intempéries e ações de insetos, no passar do século. Hoje, as duas remanescentes registradas possuem algumas modificações e não oferecem possibilidade de moradia.

Analisando as residências encontradas, pode-se notar que são construções geminadas, o que auxilia na confirmação da afirmação acima. Segundo Finger (2012, p. 6), geralmente, em construções como as casas verdes:

A opção entre um ou outro modelo dependia do tipo de organização urbana desejada: o modelo em bloco, em geral, ocupava toda uma quadra, enquanto o modelo em fita costumava ser utilizado para assentamentos ao longo das linhas, não configurando quadras.

A arqueologia já analisou esse tipo de construção com o auxílio da Arquitetura e tal tipo de edificação “(...) resulta em uma ocupação compacta, de maior densidade e menor extensão territorial. Sob o ponto de vista climático, a aplicação de tal modelo resulta em benefícios, uma vez que a casa passa a expor apenas duas fachadas ao sol, desde que mantida a ventilação cruzada (...)” (Andrade, Gomes e Dias, 2009, p. 95).

Duas destas casas encontram-se totalmente reformadas (ao lado esquerdo e direito). As duas casas do meio ainda possuem algumas características da construção original. O reconhecimento da originalidade das casas nos extremos se dá graças à presença da cumeeira (trabalhada mais adiante) e através da residente da quarta casa, pois afirma que a casa em que mora é uma das antigas casas verdes.

Como dito anteriormente, as casas verdes eram construções em fita, geminadas, totalizando 10 residências por estrutura. A Vila Verde era composta por quatro grupos destas casas, localizados à Rua Carlos Vignoli, no bairro Santa Tereza. É compreensível que a escolha desse tipo de construção se dava com a intenção da economia de gastos, assim como de terreno, visto que as residências eram para parte dos operários de hierarquia intermediária dentro da empresa. Sendo assim, pode-se afirmar que o terreno de cada casa verde é bem pequeno. A construção ocupa toda a área lateral da casa, possuindo um recuo na sua parte frontal. É impossível inferir sobre o espaço posterior, porém, sabe-se que as casas foram as primeiras construídas no local, o que leva a entender uma parte posterior considerável para a época.

Na sequência, serão descritos os principais pontos das residências, como: fachadas, telhado, janelas, portas e – no caso da segunda residência – alguns detalhes da parte interior (paredes, piso, forro e cômodos). As descrições buscam esclarecer alguns itens, como originalidade da peça, qualidade dos materiais, assim como os possíveis danos encontrados neles. Para melhor compreensão durante a apresentação das descrições, a casa à esquerda foi denominada como de Casa Verde 1, enquanto a casa a direita, Casa Verde 2 (vd. Figura 10.)



Figura 10. Casas Verdes. Fonte: Freddy Bager Jr.

2.2.1. Fachada

A casa verde 1 possui na fachada frontal uma porta no lado esquerdo, bem próxima à divisória entre ela e a casa à esquerda. A janela se encontra no lado direito, também próximo à divisória das residências. A fachada da casa verde 1 é diferente das utilizadas no restante das casas construídas pela Cie. Française. Essa casa possui um revestimento externo de material metálico (vd. Figura 11.).

Segundo Silva (2012), a utilização de placas metálicas para forrar casas na Ilha dos Marinheiros – Rio Grande/RS – e na Região Sul do Brasil representa algo inusitado no contexto do repertório habitacional e torna esse procedimento próprio da região citada. É necessário frisar que, devido à importância da utilização desse material – e em uma determinada região de um país de extensão continental –, o aprofundamento no estudo de aplicação desse método é altamente recomendável.



Figura 11. Fachada da Casa Verde 1. Fonte: Freddy Bager Jr.

As latas utilizadas para o revestimento da fachada são para uma melhor preservação do material de construção (no caso, madeira), além de uma maior “(...) proteção contra o vento e partículas de areias (...)” (Silva, 2012, p. 11). Essas latas estão pintadas de uma cor clara, aproximando-se do bege. Nota-se que “(...) a tinta, quando utilizada [nas placas metálicas], é um elemento importante para a proteção e conservação das placas e, para ser realmente eficaz, deve ser anualmente reaplicada (...)” (Silva, 2012, p. 12), mas, segundo Barreto et al. (2010) “(...) as chapas de latas de tinta ou de óleo são aplainadas e, depois de enferrujadas, ficam porosas e recebem uma camada de tinta para proteção (...)”.

A casa verde 2, de cor salmão, possui na fachada frontal uma porta no lado direito, bem próxima à divisória entre a residência e a casa à direita. A janela se encontra no lado esquerdo, também próximo à divisória das residências. A fachada da casa verde 2 é de madeira, assim como as utilizadas no restante das casas construídas pela Cie. Française. É possível notar que as madeiras dessa residência são mais largas do que as pranchas utilizadas nas casas de madeira mais recentes. Nas junções das pranchas, encontram-se tábuas mais finas – que vão servir de acabamento para a fachada frontal da casa – já que as pranchas não possuem um encaixe preciso, deixando assim pequenas frestas (vd. Figura 12.).



Figura 12. Fachada da casa verde 2. Fonte: Freddy Bager Jr.

Vê-se em alguns locais a deterioração da madeira, como abaixo da janela, próximo à porta e ao chão. No canto inferior direito, é possível ver uma parte do encanamento da casa graças a não manutenção do material. A pintura dessa casa está velha e bastante descascada na parte inferior, sendo possível ver a madeira em algumas das partes descascadas (vd. **Figura 13.**).



Figura 13. Deteriorações na fachada. Fonte: Freddy Bager Jr.

Consta-se, assim, que a fachada frontal da casa verde 2, apesar de bastante deteriorada e necessitada de manutenção, ainda mantém traços da construção original.

2.2.2. Telhado

O telhado possui a mesma estrutura da construção original com duas águas. As telhas atuais também são onduladas, porém, de fibrocimento, diferindo do material utilizado na época da construção. Nota-se que as telhas utilizadas estão em bom estado, o que permite inferir que a troca do material ocorreu a um tempo relativamente pequeno. O material utilizado na construção original da residência era o zinco. É provável que a telha de zinco tenha se deteriorado com o tempo e tenha sido necessária a sua troca.



Figura 14. Detalhe do telhado ondulado e da cumeeira. Fonte: Paulo Enéas.

A cumeeira segue sobre toda a extensão do telhado das quatro residências (vd. **Figura 14.**). Ela é feita de telhas de cerâmica e é possível notar que a mesma não se encontra devidamente alinhada devido às reformas realizadas nas casas. Segundo as Dr^{as}. Rossana Telles e Marcia Kuniochi, que acompanharam a visita, a cumeeira presente é a original das casas da *Cie. Française*. Desse modo, conclui-se que as casas que se encontram nas extremidades faziam parte do grupo das Casas Verdes e foram completamente modificadas, preservando apenas (à vista do observador externo) a antiga cumeeira.

2.2.3. Janelas

A janela da casa verde 2, de cor marrom, possui abertura para os ambos os lados (vd. **Figura 15.**). Há oito caixilhos para a instalação de vidraças, sendo que apenas dois deles ainda possuem tal material. Em uma das vidraças, notam-se dois adesivos de propaganda política. A janela se encontra em estado precário. A pintura, na parte de baixo da janela, encontra-se bastante descascada. A parte de baixo está muito deteriorada, não possuindo mais a base da janela, além de não possuir mais duas divisórias dos caixilhos. Nota-se então a falta de manutenção nesta peça. Porém, se considerar o tempo de construção da residência, poder-se-ia dizer que se encontra em um estado que possibilita a reforma desta janela.

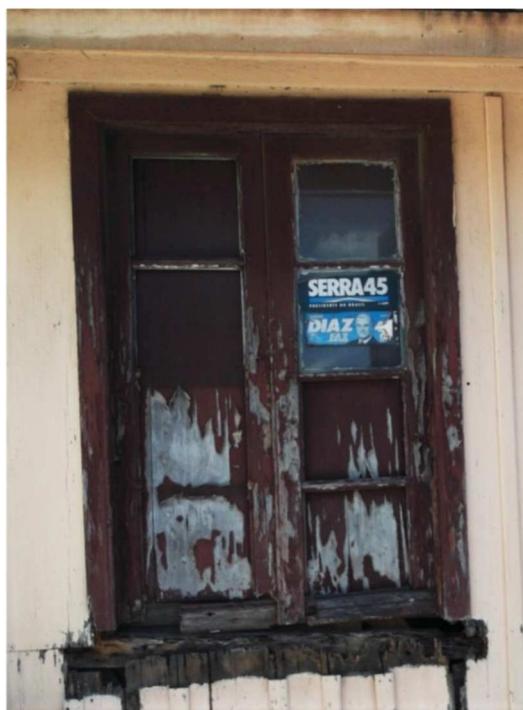


Figura 15. Janela remanescente da Casa Verde. **Fonte:** Paulo Enéas.

Apesar da janela da residência 2 se encontrar muito deteriorada, a janela da casa ao lado permanece em bom estado de conservação. A pintura está relativamente nova, comparada à janela ao lado, sendo que se podem notar apenas alguns locais de descasque (vd. **Figura 16.**).

A peça dessa casa, possui dez caixilhos, sendo que sete deles possuem vidraças, em um deles, a vidraça está quebrada e, em três, não há vidro. A parte inferior da janela encontra-se desnivelada e com algumas rachaduras. No lado direito desta janela, nota-se um pequeno remendo, o qual não descaracteriza a janela quando vista como um todo.



Figura 16. Janela da Casa Verde 1. Fonte: Freddy Bager Jr.

2.2.4. Interior

A visita à área interna foi liberada apenas na casa verde 2, visto que o morador da casa verde 1 não se encontrava no local nos momentos em que os pesquisadores se deslocaram até os locais em análise. O acesso à segunda residência foi liberado pela atual moradora. Essa casa também se encontra em reforma, porém os dois primeiros cômodos estão intactos, sendo que a moradora está construindo do fundo do terreno para frente. Segundo a residente, os próximos passos serão a demolição da casa verde 2 e a ampliação da casa que está sendo construída.

2.2.4.1. Paredes internas

As paredes internas são brancas, com pranchas bastante largas, algumas até duas vezes maiores do que os padrões utilizados nas construções atuais. Elas são instaladas verticalmente e a cerca de 80cm e de 2,0m do piso possuem duas pequenas peças de madeira, percorrendo toda as paredes. Estas pequenas tábuas servem para esconder os encontros entre as peças (inferior) e dar mais estabilidade à madeira (superior) (vd. Figura 17.).

Ao reparar nas paredes internas, pode-se observar o bom estado em que se encontra a pintura. Com isso, abre-se a possibilidade de inferir que as paredes já foram pintadas mais de uma vez e que a última pintura aconteceu a um tempo relativamente pequeno. O bom estado de boa parte das paredes termina por aí.

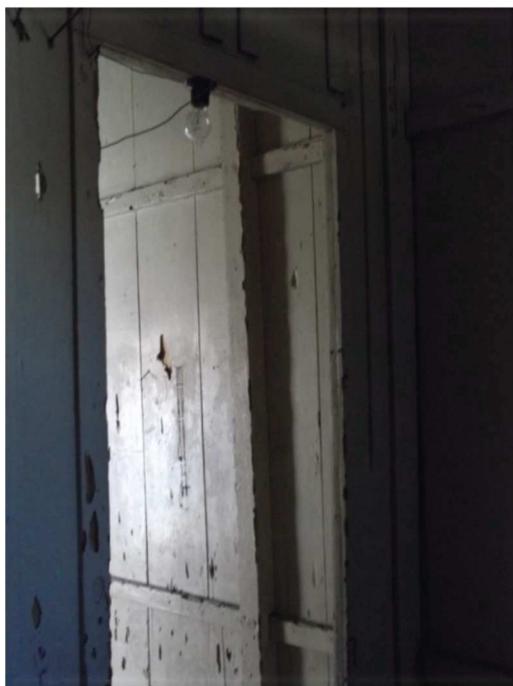


Figura 17. Paredes internas. Fonte: Paulo Enéas.

A maior parte das paredes se encontram bastante deterioradas graças à ação de cupins. É possível notar o dano em diversos locais, onde, em alguns pontos, vê-se o outro cômodo através do furo feito. Outros danos, como rachaduras e fraturas, também são observados.

Detalhes como os descritos acima auxiliam a afirmação quanto à originalidade dessas peças. O principal ponto que se pode citar é a largura da madeira – mais larga do que a tradicional utilizada em construções mais recentes. Segundo informações da Dr^a. Rossana Telles, a largura das pranchas utilizadas na construção das casas verdes era um detalhe significativo. Além disso, pode-se dizer que, mesmo sem uma constante manutenção, as paredes internas passam a sua antiguidade e sua originalidade através de alguns danos que vieram a acontecer com o passar do tempo.

2.2.4.2. Interruptor

Um item que também merece ser destacado encontra-se na parte interior da residência: o interruptor, que está localizado na parede frontal (vd. **Figura 18.**). O artefato é um modelo antigo, ainda encontrado em algumas casas. Esse artigo é feito em baquelite, possui a cor marrom e não está instalado. É interessante notar o contraste entre o antigo e o novo. A presença de canaletas plásticas para instalações elétricas se destaca na fotografia, juntamente com o disjuntor e o interruptor de baquelite.



Figura 18. Interruptor em baquelite. Fonte: Paulo Enéas.

Este, ainda, é o único artefato, excluindo as estruturas, encontrado no interior da casa e que possui um caráter mais antiquado, porém pode-se afirmar que ele não faz parte da construção original. Segundo Martins (2004), a iluminação a gás, no município, só foi implantada em 1908, enquanto a luz elétrica apareceu somente no ano de 1915. Isso leva a inferir que a energia elétrica tenha chegado à Vila Verde após a primeira década do século XX.

2.2.4.3. Piso interno

No primeiro cômodo da casa verde 2, pode-se constatar a originalidade do piso interno. Logo após um pequeno quadrado de concreto, que se encontra junto à porta, depara-se com o piso de madeira corrido, vermelho e bem desgastado. Mas não foi apenas isto que traz à tona a originalidade do material; o piso se encontra totalmente instável e o constante medo de parti-lo está presente a todo o momento. No interior dessa casa, é necessário pisar suavemente, para que não se danifique mais ainda este precioso material (vd. **Figura 19.**).



Figura 19. Piso interno. Fonte: Paulo Enéas.

A pintura, em boa parte, já não aparece mais. Em alguns locais, pode-se avistar fraturas no material e a presença de cupins é enorme. O estrago que estes insetos fizeram no material é tão grande, quiçá maior do que o feito na parede. Os remendos são presentes para que se possa caminhar mais tranquilamente sobre este piso. Os encontros entre a parede e o piso possuem rodapés de madeira. Estes estão em melhor qualidade do que a madeira utilizada no piso, porém podem-se notar sinais da ação dos cupins e de deformações (vd. Figura 20.).



Figura 20. Piso interno. Detalhe para o dano. Fonte: Paulo Enéas.

Detalhes como os descritos antes auxiliam na confirmação da originalidade do piso. Como já dito anteriormente, o material se encontra muito frágil devido às ações dos insetos e do tempo. As condições precárias mostram, além disso, a falta de manutenção da residência. Essa falta de manutenção é compreensível já que o casal residente mora nos cômodos construídos por eles no fundo.

2.2.4.4. Forro Interno

O forro interno, de cor branca, encontra-se em bom estado de conservação, mesmo que seja possível notar alguns remendos e pequenos pontos de descascamento de tinta. As tábuas não são de tamanhos semelhantes e a sua visualização é fácil. Não se encontra a presença de ações de cupins nessa parte da construção (vd. **Figura 21.**).



Figura 21: Forro. Fonte: Paulo Enéas.

2.2.4.5. Disposição dos cômodos

As casas verdes possuem mais de dois cômodos, visto que, através da planta baixa, pode-se inferir tal configuração, já que os dois primeiros cômodos da casa verde 2 se encontram intactos. O primeiro aposento possui a maior área, mesmo assim, é um local pequeno. Existe uma parede que divide os cômodos, de madeira, branca, que percorre toda a extensão da residência, possuindo apenas um espaço para a porta. É possível que o local tivesse a função de uma sala. Tal afirmação é feita, baseando-se em Andrade Lima (1999, p. 211) que diz:

La parte delantera de la casa – sala de visitas, comedor, escritorio, sala de fumar, etc. “(...) se volvió el espacio de sociabilidad por excelencia, a través de la cual el grupo residente se relacionaba con el exterior. Formal, destinada al entretenimiento, al ocio y, por consiguiente, a la representación social, tenía su acceso permitido a los de afuera (...)”.

Na parede, também há uma abertura, quadrada, que pode ser considerada uma janela, porém é algo pequeno. Não é possível inferir se ela é original da residência ou se foi obra de algum morador. O impedimento ao acesso da casa verde 1 impossibilita uma comparação, uma melhor análise e, conseqüentemente, melhores resultados.

Ao transpassar a porta, encontra-se o segundo cômodo. Este possui uma área menor do que o primeiro. Infelizmente, não é possível inferir algo a mais sobre o aposento. Não é possível localizar locais de encanamento ou algo parecido para inferir que o local pudesse ser uma cozinha ou um banheiro. Isso leva a concluir que tal aposento poderia ter a função de um quarto, já que é o segundo cômodo da residência, transformando assim o primeiro em um local de transição entre o público e o privado. Na parede traseira da residência, encontra-se uma porta que leva ao pátio posterior. Poucos metros depois, encontra-se a casa construída pelos moradores do local.

A dúvida surge quanto ao cômodo que já não se encontra mais em pé, porém seria compreensível que o local tivesse a função de cozinha, já que é menor do que os dois primeiros e seria o último aposento da casa, essa afirmação vai ao encontro das palavras de Andrade Lima (1999, p. 211) que ratifica “(...) *en las áreas intermediarias y en los fondos estaban las salas íntimas, cuartos, cocinas, etc. (...)*”.

Segundo Finger (2009, p. 110) afirma, em sua pesquisa na cidade de Paranapiacaba, as casas dos trabalhadores menos graduados “(...) *foram implantadas em blocos de 04 ou 08 unidades, possuindo cada uma dois cômodos em madeira (sala e dormitório), e um bloco em alvenaria justaposto ao corpo para abrigar a cozinha, lavanderia e sanitário (originalmente separado, implantado aos fundos do lote) (...)*”. Se as casas verdes seguissem um padrão semelhante ao das casas de madeira construídas na vila velha, na cidade paulista, pode-se inferir que o terceiro cômodo das residências rio-grandinas teriam a função de cozinha, visto o espaço construído ser relativamente pequeno.

2.2.4.6. Sanitário?

A casa verde possui apenas dois cômodos ainda intactos e o terceiro cômodo não teria uma dimensão para banheiros, visto que tal aposento possui uma área aproximada de 10m², o que seria um banheiro extremamente amplo, levando em consideração que a residência possui aproximadamente 35m². Sendo assim, fica subentendido a ausência de um banheiro. Uma das principais razões para essa falta de sanitário na residência seria o término do saneamento da cidade do Rio Grande (1923) posterior ao ano de construção. É importante frisar também que essa obra de saneamento vai ficar restrita à cidade velha (Pedroso, 2008; Ferreira; Pedroso, 2011). Dessa forma, é compreensível a falta de toalete na construção. A ausência desse cômodo seria substituída pelo uso do urinol. Tania Andrade Lima (1999, p. 199) afirma que houve uma “(...) *introduccion maciza y la disseminacion en las habitaciones de recipientes para el recogimiento de materias fecales y orina – los populares orinales – que aparecen en los depósitos de esta época [século XIX] (...)*”.

A utilização desse artefato, juntamente com a latrina/fossa, vai se estender até o século XX nos mais variados locais onde não existe o saneamento básico. Mesmo com as diversas modificações realizadas na área posterior da casa, a aplicação de escavações poderia responder mais claramente essa questão, confirmando, positiva ou negativamente, a utilização de urinóis durante as primeiras décadas do século XX, ou até a presença de latrinas no fundo da casa. Porém, após entender que o saneamento da cidade não alcançará o bairro Santa Tereza, é possível inferir a ausência de um banheiro funcional na residência.

3. Considerações Finais

Conforme discutido neste trabalho, a construção de 61 casas de madeira, próximas às obras, pela *Compagnie Française* foi necessária para propiciar a vinda de trabalhadores especializados para as obras dos molhes e do porto, devido à tecnologia avançada, utilizada na construção desses empreendimentos e técnicas especializadas. As casas verdes faziam parte desse grupo de habitações e podem ser consideradas como documentos materiais importantes da história da cidade do Rio Grande. Este estudo demonstra que eram casas de pequena área construída, porém serviam como boas habitações para trabalhadores, já que estes possuíam um caráter provisório.

Nota-se que, se a *Cie. Française* fosse abrigar todos os seus trabalhadores, seriam necessárias centenas de casas para esse contingente de funcionários oriundos de outros locais que não possuía moradia suficiente na cidade do Rio Grande. Portanto, entende-se que a empresa designou essas residências para os operários mais especializados, deixando de lado os trabalhadores de menor graduação dentro da companhia, o que vai resultar, por fim, no processo de autoconstrução e de usufruto de terrenos reservados para outros propósitos.

A Vila Verde foi construída em área adjacente às obras do Porto Novo. Pode-se dizer que esse é um padrão de diversas empresas, pois as construções serviam “(...) para manter seus funcionários próximos aos locais de trabalho (...)” (Finger, 2009, p. 147). Essa situação ocorreu na cidade do Rio Grande, tendo em vista que o local escolhido era estratégico, ou seja, próximo da construção do Porto Novo, como possuía fácil acesso ao molhe oeste.

Quanto ao tipo de construção, pode-se dizer que as residências em “fita” foram importantes, pois o responsável economizou nas obras. Contudo, tal configuração tem uma função essencial: a de facilitar o controle dos operários pelos empregados de maior hierarquia. Segundo Herédia (2003, p. 5): “A variedade de estilos de vilas operárias não altera o objetivo principal de sua existência que é o da imobilização da força de trabalho. Não obstante todas elas apresentarem vantagens para os proprietários, a forma escolhida pela maioria é a do arruado, devido à vantagem da visibilidade imediata sobre o agrupamento de operários pelo observador hierárquico (...). O controle, a vigilância e a observação, mesmo indiretas, são constantes nesse tipo de vila. Isso representa para o gerente a assiduidade dos operários, sua pontualidade. Ter o operário próximo garante a manutenção e continuidade do processo (...)”.

Isso pode ter acontecido na Vila Verde, visto que existiam casas pretas próximas às casas verdes. Naquele momento, via-se esse controle como extremamente importante para a empresa, uma vez que o trabalhador seria mais disciplinado e renderia frutos ao empregador.

Assim, pode-se inferir que as duas casas verdes que se encontram no município estudado ainda possuem diversos pontos considerados originais. A fachada da casa verde 2, a cumeeira de ambas as casas e as janelas são peças autênticas, tal como as análises desenvolvidas puderam comprovar. Isso vai mostrar a qualidade do material, visto que as residências estão próximas de um século de existência. Mesmo tais moradias sendo construídas em caráter provisório, é passível de se dizer que os itens escolhidos para a construção são de alta qualidade.

A parte interna da casa verde 2 ainda possui muitos pontos autênticos. Constata-se que o forro, as paredes e o piso são originais. A falta de manutenção acabou por desgastar esses materiais. O receio de danificar as estruturas, quando dentro da residência, é constante. Existe, porém, a falta do terceiro cômodo, já que o segundo acaba abruptamente, dando lugar a um pequeno pátio e, em seguida, a nova moradia construída pelos moradores. Essa deterioração acaba por justificar a iminência de demolição dessas moradias, como relatou a atual locatária.

A falta de uma consciência patrimonial, assim como de um trabalho de patrimônio realizado pelos órgãos responsáveis poderá possibilitar a demolição de uma (ou até das duas) residência ícone de uma importante fase histórica da cidade do Rio Grande. Critica-se aqui, enfim, a falta de atitude dos órgãos públicos em não documentar, previamente, das mais diversas maneiras, tal patrimônio. Por fim, pode-se dizer que o iminente desaparecimento dessas casas é, mais uma vez, a perda de parte da história da cidade. Tal situação acaba trazendo a repetição de velhos problemas ao município, pois somente possuindo o conhecimento de sua história e de seu passado é possível evitar os mesmos erros no futuro. Esses erros podem estar sendo cometidos novamente em Rio Grande, com a atual fase de investimentos na indústria naval.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, L. M. S., Gomes, V. G. e Dias, M. B. (2009). Desafios para o futuro sustentável da ilha de Fernando de Noronha: a visão ecossistêmica da ocupação urbana. In XII encontro da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional. 25 a 29 de maio de. Florianópolis, Brasil.

Andrade Lima, T. (1999). El huevo de la serpiente: Una arqueología del capitalismo embrionario en el Rio de Janeiro del siglo XIX. Sed Non Satiata; Teoría Social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea, p. 189-238.

Barreto, D. et al. (2010). A arquitetura popular do Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bom Texto. 144p.

Ferreira, F. N. e Pedrosa, T. D. (2011). Os canos da cidade: engenharia sanitária na cidade de Rio Grande no século XX". Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.3, n.2, 60-77, agosto.

Finger, A. E. (2009). Vilas Ferroviárias no Brasil - Os Casos de Paranapiacaba em São Paulo e Vila Belga no Rio Grande do Sul. Brasília.

Finger, A. E. (2012). Uma Vila Inglesa e Uma Vila Belga. Os casos de Paranapiacaba, em São Paulo, e da Vila Belga, no Rio Grande do Sul. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

Kuniochi, M. N. e Telles, R. M. (2011). O melhoramento da barra do Rio Grande: interesses públicos e privados em disputa. In: 5as. Jornadas de Historia Economica, 2011, Montevideu. 5^{as} Jornadas de Historia Economica.

Kuniochi, M. N. e Telles, R. M. (2012). Memória e identidade na cidade moderna. In III CLADHE y XXIII Jornadas de la AAHE.

Martins, S. F. (1997). A Visão dos moradores sobre o planejamento urbano: um estudo do Bairro Santa Tereza – Rio Grande - RS. Dissertação de Mestrado, Rio Grande: FURG.

Martins, S. F. (2006). Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990). Rio Grande: Ed. da Furg.

Martins, S. F. e Pimenta, M. A. (2004). A constituição espacial de uma cidade portuária através dos ciclos produtivos industriais. O caso do município de Rio Grande (1874-1970). R. B. Estudos Urbanos e Regionais, vol.6, n.1, p. 85-100, maio.

Ministério da viação e obras públicas – MVOP (1918). Inspetoria Federal de Portos, rios e canaes. Portos do Brasil. Rio de Janeiro: Empresa Ind. Editora “O Norte”.

Ministério da viação e obras públicas - MVOP (1922). Inspetoria Federal de Portos, rios e canaes. Portos do Brasil. Rio de Janeiro: Empresa Ind. Editora "O Norte", p. 317.

Mumford, L. – A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Pedroso, T. D. (2008). Saneamento e Progresso – O projeto de saneamento da cidade de Rio Grande do plano a implantação (1909 – 1923). Rio Grande.

Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, v.2, nº3, p. 3-15.

Saint- Hilaire, A. (1935). Viagem ao Rio Grande do Sul: 1820/1821. Rio de Janeiro: Ariel Editora.

Santo, M. F. E. (2004). A Abertura da Barra do Rio Grande. 2. ed. Porto Alegre: EST Edições.

Silva, K. M. (2012). Reflexões sobre abordagens em arquitetura popular contemporânea na formação do engenheiro civil: um estudo de caso na Ilha dos Marinheiros e suas edificações forradas com lata. In: VII Congresso Ibero-americano de docência universitária. 24 a 27 de junho. Porto, Portugal.

Silva, T. M. (2009). Patrimônio Cultural em Rio Grande: a vila Santa Tereza. Biblos (Rio Grande), v.23 (2), p. 251-260.

Stoot, P. (1984). A guide to the Industrial Archaeology of Boston Proper. The MIT Press: Cambridge.

Thiesen, B. V. (2009). Invisibilidade, memória e poder: a identidade imigrante e a construção da paisagem da cidade – Rio Grande (RS). MÉTIS: história & cultura, v.8, n.16, jul/dez., p. 143 – 155.

Thiesen, B. V.; Kunioishi, M. N. e Mollet, C. D. (2011). Charqueada e Escravidão em Rio Grande. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

Torres, L. H. (2009). Rio Grande, 1918: a mortalidade supera a natalidade. Biblos (Rio Grande), v. 23, p. 79-90.

Torres, R. O. (2010). E a modernidade veio a bordo: Arqueologia histórica do espaço marítimo oitocentista na cidade do Rio Grande/RS. Pelotas: UFPEL.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

Herédia, V. B. M. (2003). A construção se vilas operárias no sul do Brasil: o caso de Galópolis. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto, vol. VII, núm. 146(080). Disponível na [www:<URL: http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(080\).htm>](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(080).htm) ISSN: 1138-9788.

Musacchio, A.; Read, I. Bankers, Industrialists, and their Cliques: Elite Networks in Mexico and Brazil during Early Industrialization (2006). Disponível na [www:<URL: http://ssrn.com/abstract=949841](http://ssrn.com/abstract=949841) ou <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.949841>>.